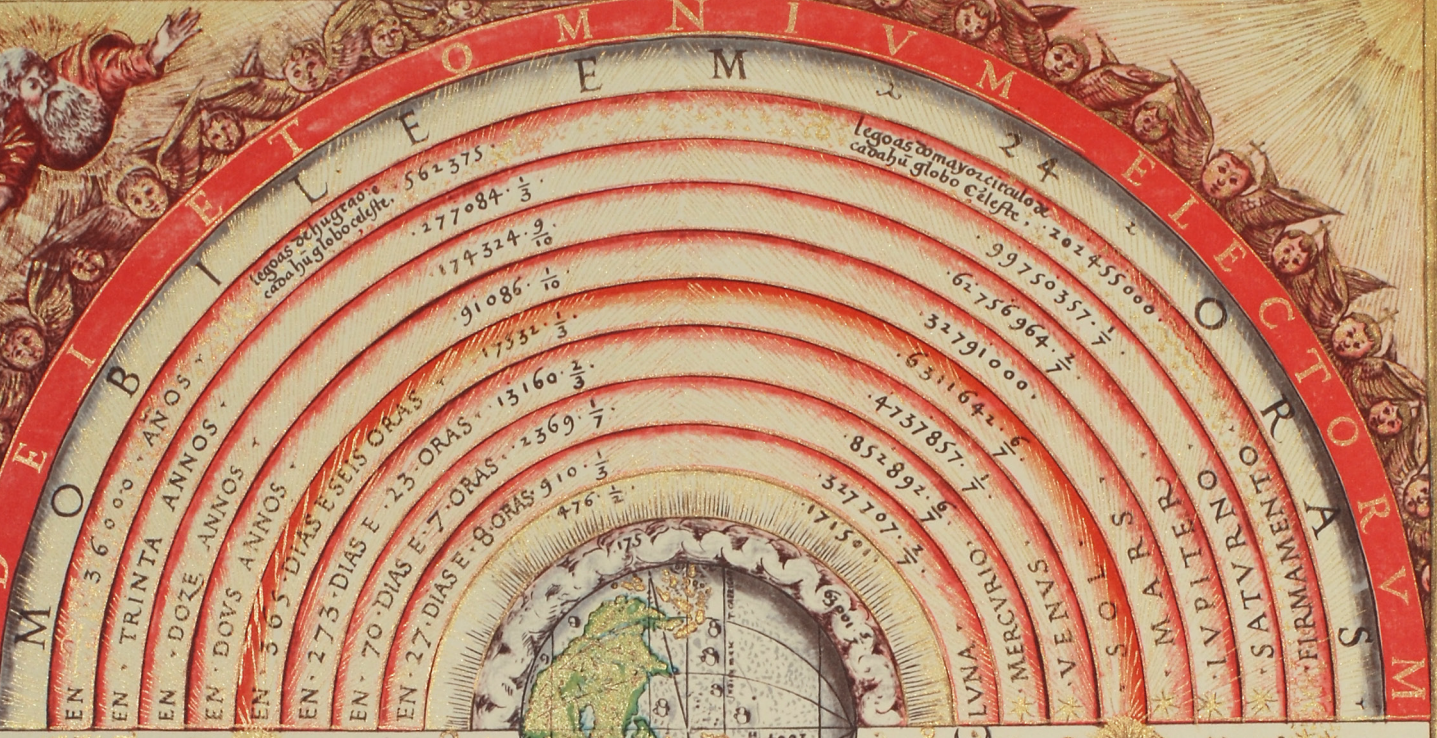
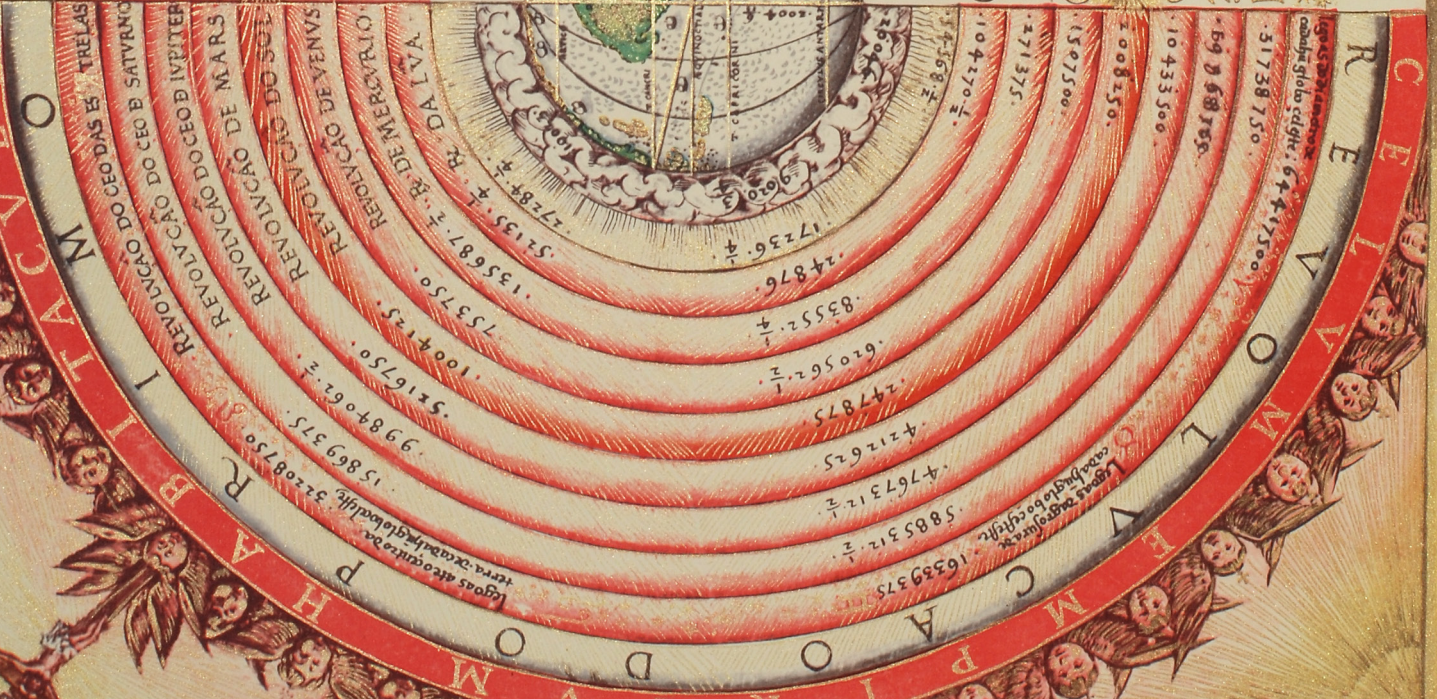


FIGURA
BARTOLOMEU VELHO
Ptolemaic geocentric system, 1568

DOS
CORPOS

CELES
TES



NOODIVERSIDADE

MAURÍCIO ANDRÉS RIBEIRO*

RESUMO O texto aborda a concepção de noosfera e sua integração às demais esferas da vida e da matéria, numa concepção de ecologia integral. Examina o conceito de noodiversidade e as ciências da consciência. Observa como as novas tecnologias da informação, com a internet e as redes sociais, possibilitam conexões que promovem a mútua fertilização e diversos tipos de relações entre ideias e pessoas. Mostra como essa crescente conectividade produz um efeito sinérgico que contribui para expandir os limites da consciência humana e transformar a própria noosfera. Conclui que é necessário valorizar a diversidade, garantir a liberdade de consciência e de expressão e, ao mesmo tempo, alcançar a unidade humana por meio de convergências e projetos de interesse coletivo.

PALAVRAS-CHAVE Noosfera. Noodiversidade. Consciência. Unidade na diversidade.

NOODIVERSITY

ABSTRACT Discussion of the concept of noosphere and its integration to other spheres of life and matter in the context of integral ecology, examining the concept of noodiversity and the sciences of consciousness. How the new information technologies with internet and social networks enable connections that foster mutual breeding and various types of relationships between people and ideas are considered. Showing how this increased connectivity produces a synergistic effect that helps expand the boundaries of human consciousness and transform noosphere, we conclude that it is necessary to value diversity, to ensure freedom of expression and, at the same time, to achieve human unity through convergences and projects of collective interest.

KEYWORDS Noosphere. Noodiversity. Consciousness. Unity in diversity.

*Arquiteto pela Universidade Federal de Minas Gerais. Assessor na Agência Nacional de Águas. Assessor na Agência Nacional de Águas. www.ecologizar.com.br

E-mail: ecologizar@gmail.com

Recebido em 10/8/2015. Aprovado em 21/3/2016

1. Introdução

As novas tecnologias da comunicação abriram a possibilidade de acesso a um vasto mundo que se encontrava oculto no interior das mentes individuais. Quem se conecta às redes sociais tem acesso, por meio das palavras, vídeos e imagens ali postadas, a uma grande diversidade de ideias, sentimentos e emoções. A atração exercida por esse mundo se revela nos ambientes em que se vê cada indivíduo com seu celular ou computador pessoal, de corpo presente, mas cuja mente está ausente do ambiente imediato, atenta e concentrada nas interações e conexões do universo virtual em que navega. As redes se tornaram um espaço para a participação e trocas de informações, o que se faz de modo gentil, respeitoso e educado, ou grosseiro, truculento, brutal e conflitivo.

As mensagens postadas revelam ampla diversidade de interesses, motivações, abordagens, crenças e valores. Há pessoas monotemáticas, fixadas num assunto específico e que martelam na mesma tecla, obsessivamente; outras têm um leque amplo de interesses e comentam as ideias alheias. Uns se interessam por gatos, outros por sapatos, cinema e filmes, arquitetura, frases inspiradoras, humor e piadas, notícias de economia, ecologia, saúde, alimentação, denúncias, campanhas políticas e ideológicas, militância partidária, futebol. Alguns se autopromovem vaidosa e narcisicamente; outros observam ou simplesmente jogam e se divertem. Alguns se mostram sinceros e verdadeiros, outros se disfarçam e dissimulam, com suas personas, as máscaras com que se apresentam num espaço público. Há ativismo e defesa de causas, tentativas de convencimento ou de conversão, debates, afetividade, autoajuda. As conexões e interações criam novas ideias e, sinergicamente, aceleram o aprendizado a distância. Os indivíduos aprendem a interagir, a se unir e organizar, a dialogar, a aprimorar sua sensibilidade e a enriquecer seu conhecimento. Comentam-se ideias, interativamente, em diálogo que pode contribuir para aprimorá-las. Abrem-se possibilidades para a autorreflexão. *A rede social abre oportunidades para praticar boa ação diária: veicular e circular ideias edificantes e inspiradoras, que expandem a consciência humana. Num*

sentido negativo, as redes abrem oportunidades para os intolerantes manifestarem a destrutividade e o ódio. Tornam-se arenas de luta em que se praticam insultos e provocações, ofensas e agressões e se revelam as dificuldades de lidar com ideias diferentes. Criam-se novas amizades e inimizades. Estabelecem-se novas relações que se aquecem e esfriam. Cortam-se relações e bloqueiam-se conexões, ignorando o outro que incomoda ou chateia. Descobrem-se afinidades eletivas. Elas abrem o acesso a outros modelos mentais, opiniões, formas de pensar, cosmovisões. A Internet e as redes sociais facilitam o compartilhamento de pensamentos, sentimentos e emoções. Revelam-se antipatias e simpatias, atrações e aversões, admiração e repulsa. Inveja, ciúme, vaidade, raiva, orgulho, impaciência, violência na comunicação estão presentes nas mensagens. Por outro lado, amor, solidariedade, empatia, generosidade, afeto, ternura, também se expressam em outras postagens. Algumas são abertas, amplas e generosas, sutis, gentis, inteligentes, elegantes; outras revelam preconceitos, antipatias, ódios, medo. Essa conectividade intensa pode contribuir para a evolução mental e emocional dos indivíduos. As redes sociais se tornaram um dos canais de acesso à noosfera.

2. Desenvolvimento

As ciências naturais e biológicas estudam a matéria e a vida conforme as esferas em que se situam: a barisfera, a litosfera, a hidrosfera, atmosfera, a biosfera. A **noosfera** é um conceito elaborado pelo padre, teólogo, filósofo e paleontólogo Pierre Teilhard de Chardin, em seus estudos sobre o fenômeno humano. Escreve ele: “É verdadeiramente uma camada nova, a ‘camada pensante’, exatamente tão extensiva, mas muito mais coerente ainda, como veremos, do que todas as camadas precedentes, que, após ter germinado no Terciário declinante, se expande desde então por cima do mundo das Plantas e dos Animais: fora e acima da Biosfera, uma Noosfera.” (Teilhard de Chardin, 1966, p. 189). Ela engloba a cultura, ideias, espírito, linguagens, teorias, pensamentos, emoções, sentimentos, informações, geradas ou captadas desde o início da vida.

No campo das ciências biológicas, valoriza-se a biodiversidade. Quando têm sensibilidade socioambiental, ecólogos também se ocupam da sociodiversidade e da diversidade humana e cultural. Uma visão integral da ecologia vai além de seus aspectos científicos, socioambientais e inclui as questões subjetivas e psicológicas da mente humana.

Pierre Dansereau, numa abordagem pioneira à ecologia integral, incluiu a noosfera nos diagramas em que desenhou as interações entre a atmosfera, piosfera, litosfera, hidrosfera, biosfera. Considera a noosfera como um campo que influencia todos os demais. Além da abordagem socioambiental convencional, ele integrou o espírito humano, a subjetividade e as questões psicológicas às ciências ecológicas. Reconheceu e valorizou a influência da consciência humana e das ações dela decorrentes sobre o rumo da evolução no planeta, o que se torna particularmente relevante no atual período antropoceno da história (Dansereau, 2000).

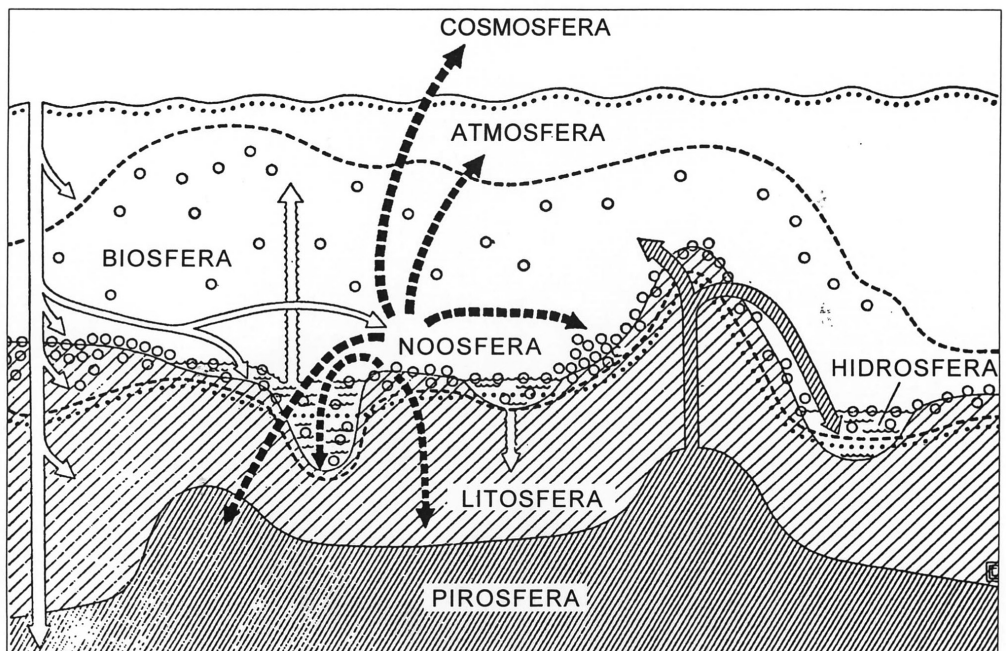


Figura 1 - A Noosfera penetrou muito além dos limites da biosfera

Muito da ação humana decorre de como se percebe e compreende o mundo, das cosmovisões, do autointeresse e de motivações mentais e emocionais. Dansereau escreveu sobre as paisagens interiores, que ele denominou *inscapes*. Elas constituem o espírito de cada indivíduo de modo pessoal, de acordo com sua história, suas formações e seus interesses. Na figura 2, ele mostra como uma mesma paisagem é percebida de modo distinto por um caçador, um agricultor, um lenhador, um mineiro, um engenheiro e um poeta, em razão de sua história e atividade.

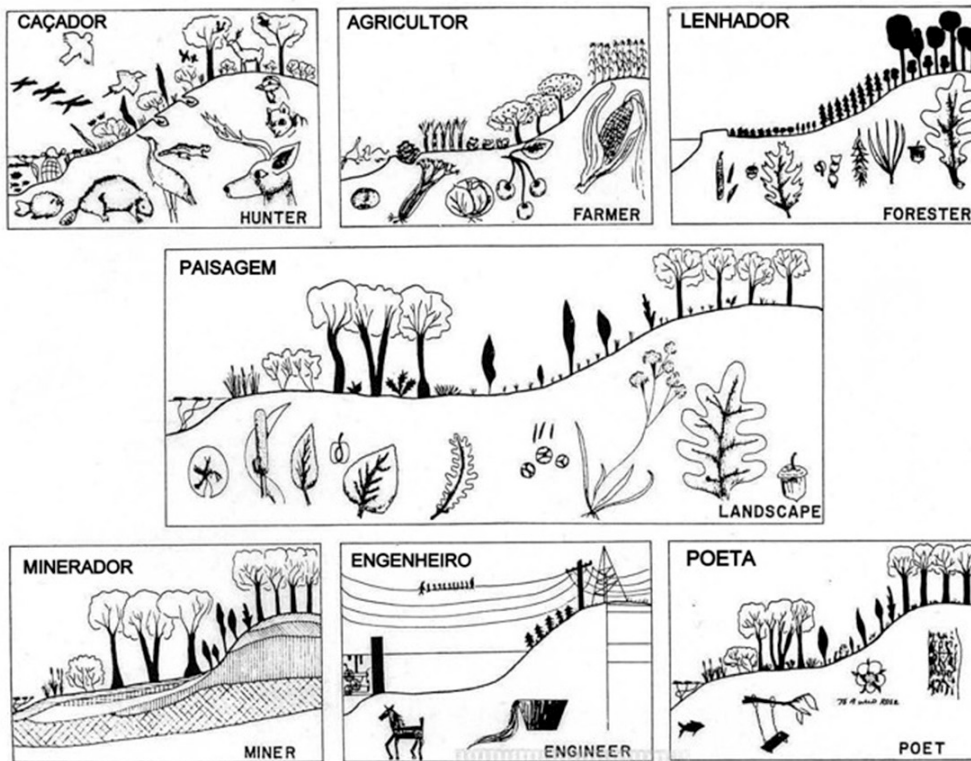


Figura 2: Projeção interna e implantação externa da organização dos espaços – Fonte: Pierre Dansereau.

Além das diferenças nas paisagens interiores devidas à história pessoal e à cultura, há diferenças de um para outro indivíduo, no que se refere à percepção sensorial. Assim como a percepção visual enxerga, a olho nu, apenas o espectro visível do vermelho ao violeta, e a percepção auditiva não capta os infra e ultrassons, há faixas do espectro da consciência em que estamos sintonizados, e outras que escapam à nossa percepção.

O físico e psicólogo Peter Russell observa que

Ainda sabemos muito pouco sobre o modo pelo qual a percepção sensorial leva à consciência e sobre como as ideias surgem. Temos pouquíssimo entendimento sobre nossos sentimentos ou sobre as maneiras com que nossas atitudes afetam nossa percepção e nosso comportamento. E o ser interior, o aspecto mais profundo da mente consciente, permanece tão misterioso como sempre. Esta é a próxima grande fronteira, não o espaço exterior, mas o espaço interior. Nosso poder de mudar o mundo pode ter dado saltos prodigiosos, mas nosso desenvolvimento interior, o desenvolvimento de nossas atitudes e valores, progrediu muito mais lentamente (Russell, 2006).

Diversidade de percepções sobre nossa espécie

Oh homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os Deuses.

Inscrição no oráculo de Delfos

Ao refletir sobre si mesmo, o ser humano formulou definições para expressar as qualidades da espécie à qual pertence. Elas espelham como nos vemos em nossas características e nossos papéis individuais, sociais e como espécie. Cada uma delas corresponde a uma parcela da realidade acerca desse ser multidimensional, com suas grandezas e misérias. Algumas definições enfatizam nossos defeitos e expressam uma visão crítica e autocrítica; outras realçam nossas virtudes. Umas têm conotação humorística; outras percebem potencialidades, uma visão ideal ou um desejo de quem as formula. Várias delas focam nas qualidades da consciência e outras em diferenças biológicas ou genéticas. Algumas enfatizam o pensamento (Descartes: “Penso, logo existo”); outras nos descreveram como animal racional, enfatizando a razão. Aristóteles nos enxergou como animais políticos. Hobbes realçou nossa característica predatória (“O homem é o lobo do homem”). Explicitou-se nosso caráter falível (Errar é humano). Fomos designados como *Homo demens* (“O homem é esse animal louco cuja loucura inventou a razão”, disse Cornelius Castoriadis); como o *Homo moralis* e o *Homo honestus*, um primata que coopera e que se comporta com valores éticos; como o *Homo sportivus* e o *Homo ludens*, pelas características lúdicas, que compartilha com outros animais que gostam de brincar (Johan Huizinga). O *Homo corruptus* é uma espécie parasita. Temos capacidade de autorreflexão e de saber-nos ignorantes: o *Homo idioticus*, que se deixa enganar e ao mesmo tempo é capaz de fazer humor e de se enxergar criticamente. O *Homo noologicus* é aquele que sabe das consequências de seus atos. Joël de Rosnay, ao explorar as perspectivas para o terceiro milênio, define o homem simbiótico, um ser associado simbioticamente ao organismo planetário que surge com sua própria contribuição e de cuja associação harmônica decorrem benefícios para ambas as partes.

Diversidade cultural

A diversidade da consciência humana se revela em cada aspecto da cultura – da língua às religiões, da ciência a suas aplicações tecnológicas, da organização social às instituições.

Há cerca de 7.000 línguas faladas no mundo hoje, distribuídas em famílias, troncos linguísticos, dialetos. Isso reflete o legado de milhares de anos de evolução cultural. (Figura 3). Na América do Sul, nove troncos agrupam as línguas precolombianas, e a eles se superpuseram o português, o espanhol, o francês, o inglês trazidos pelos colonizadores europeus (Figura 4).

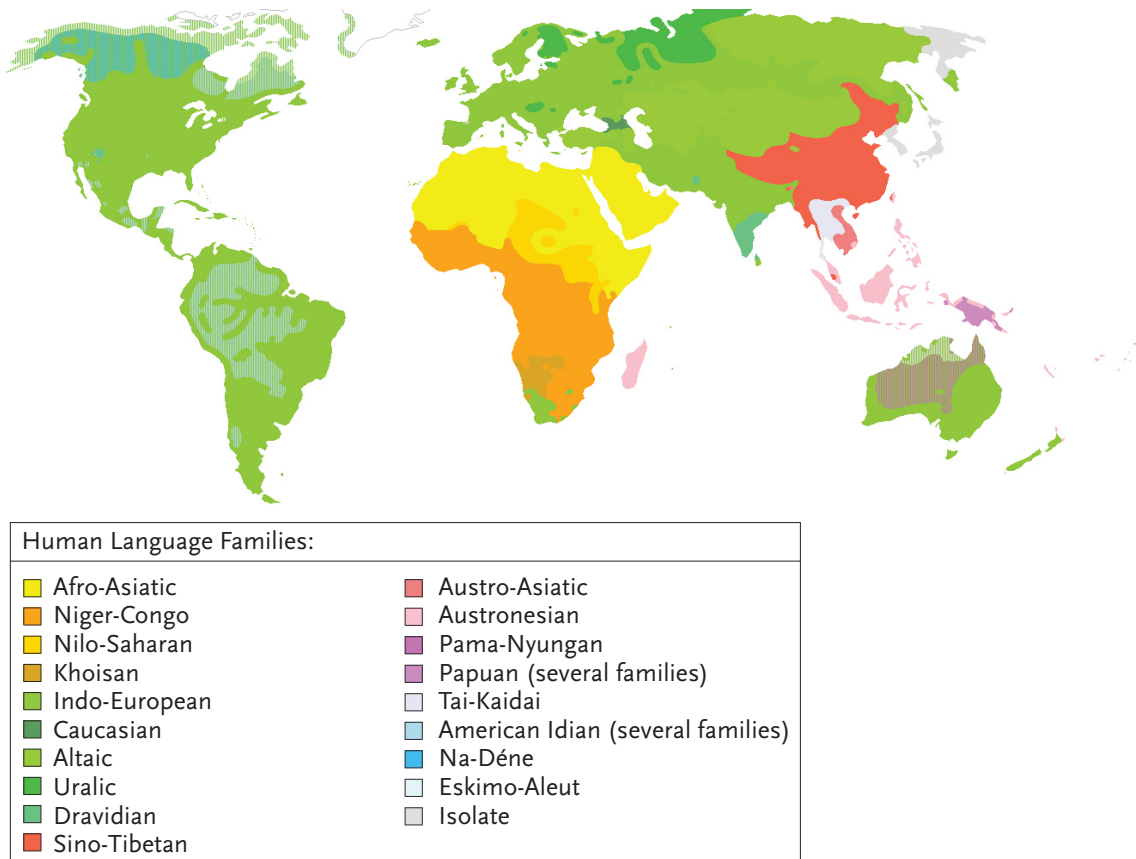


Figura 3 - Distribuição atual das famílias de línguas – Fonte: Wikipédia



Figura 4 - Troncos linguísticos sul-americanos – Fonte: Wikipédia

O número de palavras cresce na medida das necessidades de comunicação e das novas realidades que precisam ser expressas. Neologismos surgem para expressar realidades novas. A consciência humana se beneficia das ferramentas tecnológicas que colocam à sua disposição o grande acervo de conhecimentos produzidos pela espécie. Novas tecnologias de tradução automática se aperfeiçoam, tornando acessíveis e inteligíveis ideias, textos e falas em outros idiomas. Algumas línguas se tornaram amplamente disseminadas, e bilhões de pessoas se comunicam por meio delas (Figura 5); outras são de domínio de poucos indivíduos; muitas se encontram em processo de extinção, tornando-se línguas mortas.

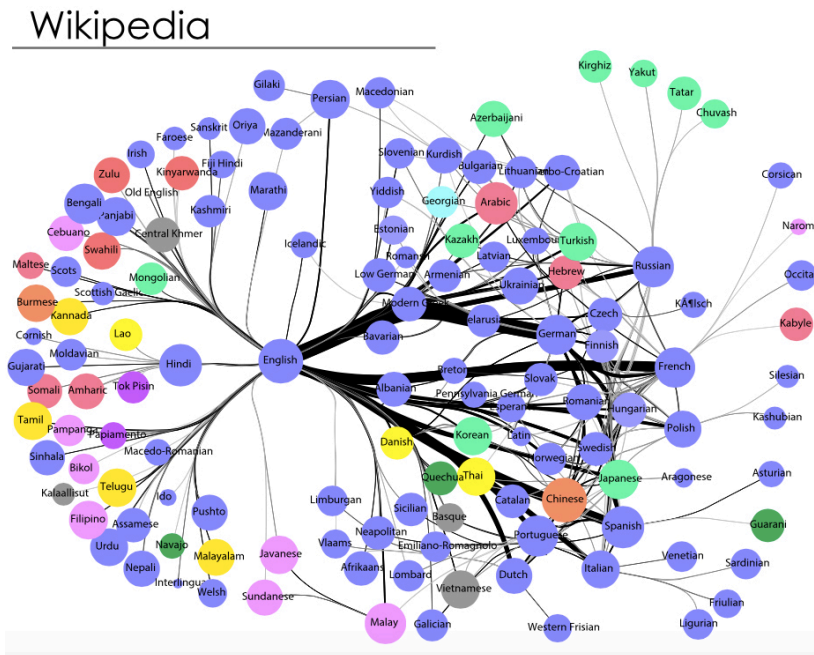


Figura 5- Como o mundo está conectado por meio das línguas – Fonte: Wikipédia

Outro campo da diversidade cultural é o das tradições religiosas. Elas se distribuem geograficamente de modo diferenciado. (Figura 6). Elas condicionam e moldam as crenças, as cosmovisões e visões de mundo, os valores pelos quais se comportam seus seguidores. Panteísmo, politeísmo, monoteísmo e ateísmo são as quatro grandes possibilidades em relação a esse tema.

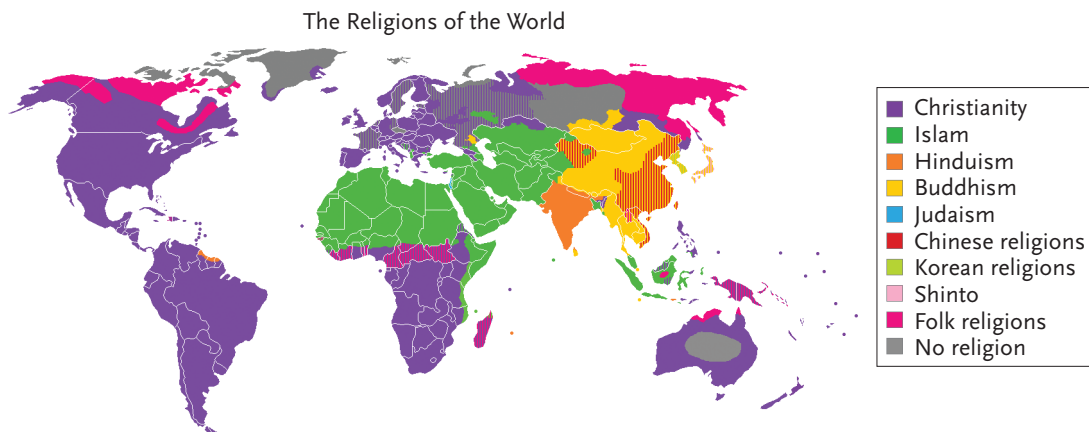


Figura 6 - Religiões do mundo

2 As repercussões dos aprimoramentos tecnológicos sobre a vida humana, para o bem e para o mal, são discutidas por Joel Garreau em seu livro *Radical Evolution*.

O desenvolvimento exterior do mundo construído e a transformação do ambiente natural se fazem num ritmo impulsionado pelos avanços científicos e tecnológicos. O engenho humano produz avanços na robótica, na genética, na tecnologia da informação e nas nanotecnologias, entre outros campos² (Garreau, 2005). A informática ampliou a capacidade humana de transformar o planeta e de conectar as mentes individuais com o cérebro global. A capacidade dos cientistas de produzir conhecimento e de promover sua divulgação ampla é essencial para influenciar na tomada de decisões.

O ser humano se agrupou coletivamente em clãs, tribos, pequenos reinos, estados-nação, impérios. Criou múltiplas organizações públicas ou privadas, instituições de governo, empresas, organizações sociais. Criou uma multiplicidade de leis, que consolidam usos e costumes e criam condições de contorno que influenciam o comportamento dos indivíduos.

Noodiversidade

*A minha consciência tem milhares de vozes,
E cada voz traz-me milhares de histórias,
E de cada história sou o vilão condenado*

William Shakespeare

Somos sete bilhões de indivíduos no planeta. Diferentes estágios, modos e estados de consciência estão sendo vividos simultaneamente pelos bilhões de indivíduos e pelas diversas parcelas da humanidade – do astronauta à tribo isolada na Amazônia passando pelas populações urbanas, pelos operários urbanos, pelos agricultores e demais grupos humanos. Do mesmo modo como as espécies evoluem na biodiversidade, evolui a **noodiversidade**, a diversidade das consciências. Atualmente, as intensas interações, conexões, contatos e diálogos facilitados pelas tecnologias da comunicação e da informação e pelas redes sociais aceleram a sinergia entre ideias e a expansão da noodiversidade, que é mais ampla do que a biodiversidade ou a diversidade social e cultural, pois é fluida, mutante, impermanente, intercambiável, sofre influências e transformações constantes e tem a sua dinâmica própria. Aprende-se por meio do estágio, do estado e do modo de consciência em que cada um se encontra. A consciência pode ser descondicionada em seus aspectos culturais e sociais. Um mesmo indivíduo

pode apresentar, ao longo de um único dia, variações de humor, de lucidez ou confusão mental, de estabilidade ou instabilidade emocional, de depressão ou euforia. A noodiversidade considera os vários estados de consciência – vigília, sono, sonho, meditativo, êxtase. Cada pessoa que se conecta numa rede social é um neurônio que atua na rede neural de um cérebro global planetário. É parte ativa da noosfera. Torna mais explícita e visível a noodiversidade humana.

As ciências da consciência

Entre os campos das ciências que se têm desenvolvido atualmente, ressaltam aqueles relacionados com a consciência e a cognição humanas. A psicologia, as ciências da comunicação, bem como as artes, filosofias e as tradições se ocupam do autoconhecimento e das questões sobre o espírito. As neurociências aprofundam o conhecimento do *hardware* material e físico – o sistema nervoso e o cérebro – bem como dos *softwares e personwares* – psíquicos e imateriais, tais como a mente, o espírito, a alma, as inteligências.

A noética é uma ciência ampla da mente humana. Do grego *nous*, espírito, ela se refere ao conhecimento interior, à consciência pura ou intuitiva, que estão além dos sentidos normais e da razão. “A noética pretende criar um corpo de conhecimento empiricamente baseado e publicamente validado sobre a experiência subjetiva, sobre a vida interior humana e sobre a sabedoria perene das grandes tradições espirituais, que constitui a herança viva de toda a humanidade.”³ (Harman, 1998).

As **ciências noéticas** exploram a natureza e os potenciais da consciência, acessando direta e intuitivamente o conhecimento. Elas exploram a experiência subjetiva e o universo interior da mente individual e coletiva, relacionados com a sabedoria das tradições espirituais e com o mundo físico exterior. Elas exploram o universo interior da mente (consciência, alma, espírito) e como ele se relaciona com o “cosmos exterior” do mundo físico. Catalisam os conhecimentos das ciências da cognição.

Da raiz grega *nous* também deriva a palavra noologia, o estudo sistemático de tudo o que se refere ao espírito, ao aparecimento e evolução dos pensamentos. A noologia é a ciência dos conhecimentos espirituais. Estuda o espírito humano, o pensamento, sua origem e criação, bem como os conteúdos da alma humana e as relações da vida mental, com a vida emocional, afetiva.

³ Willis Harman, in *What are noetic sciences?* Noetic Sciences review, n.47, p. 32, 1998.

Algumas das ciências ecológicas incluem o tema da consciência em seus estudos: a ecologia humana, a ecologia cultural, a ecologia pessoal e transpessoal. Esses campos, relacionados ao ser humano interior, subjetivo, psíquico, contribuem para o autoconhecimento sobre a espécie humana, que mostra capacidade crescente de, com suas ações, interferir sobre o rumo da evolução no planeta. Warwick Fox é o principal autor no campo da ecologia transpessoal que, para ele, transcende o dilema humano básico causado por desejos egoístas. Se existe um sentido do eu amplo, expansivo e abrangente, então o indivíduo espontaneamente protegerá o desdobramento natural desse eu expandido em todos os seus aspectos, o que engloba a ecosfera e a cosmosfera. A ecologia transpessoal considera que há direitos intrínsecos do mundo natural e atribui importância aos princípios éticos que regem as relações homem/natureza. Na natureza não existe o sentido do bem e do mal. Na Terra, a humanidade é a única espécie que tem a ética como um fator de seleção. A ética ecológica busca a liberdade e o bem viver para todos. Considerações éticas e imperativos morais são necessários para se produzir convergências, metas e objetivos comuns, de interesse coletivo e da sobrevivência da espécie. Além da inclusão social, a ecologia transpessoal conecta a ecologia com o campo da psicologia transpessoal. Ela estuda a maneira como experiências transpessoais na natureza e com a natureza expandem a consciência humana e ajudam a tecer uma conexão sagrada com o mundo. Ela examina como a espiritualidade se relaciona com a crise ecológica global.

O espectro da consciência

Os pesquisadores das ciências exatas estudavam partes distintas do espectro eletromagnético e não tinham a visão de que tratava de aspectos complementares de um todo. Da mesma forma, os vários ramos da psicologia, da psicoterapia, da ecologia, da cosmologia, da mística ou das tradições ocidentais e orientais estudam também aspectos específicos do espectro da consciência sem ter visão integral sobre ele.

A visão humana é capaz de perceber o espectro de luz visível, do vermelho ao violeta. O espectro visível corresponde a uma mínima fração do espectro eletromagnético total. (Figura 7). Os raios ultravioletas – os raios gama, os raios x – somente são percebidos com o uso de instrumentos que estendem o sentido da visão humana. Aparelhos de raios X penetram sob a superfície de corpos e objetos e permitem visualizar

aspectos da realidade que são invisíveis a olho nu. Aparelhos de rádio, micro-ondas e TV possibilitaram usar frequências e comprimentos de onda no nível infravermelho.

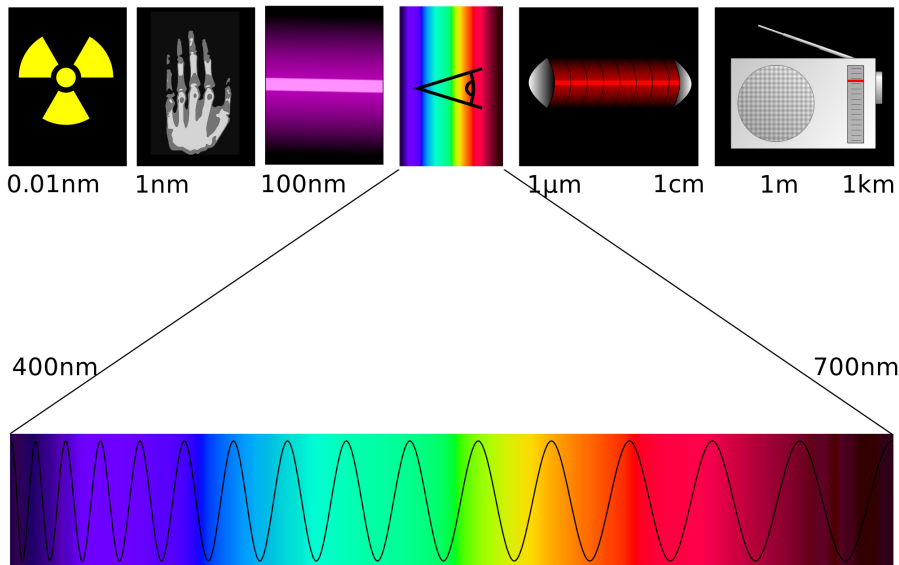


Figura 7 - O espectro eletromagnético – Fonte: Wikimedia commons

Da mesma forma como a percepção visual tem seus limites, e a percepção auditiva não capta os infra e ultrassons, também há faixas do espectro da consciência com as quais estamos sintonizados e outras que escapam à nossa capacidade de percepção e de compreensão, que não captamos no estado de vigília ou durante o sono ou sonho.

Na história das culturas, a consciência já foi predominantemente mítica, mágica, baseada na crença em leis divinas, teocrática. A partir de certo momento, baseou-se no *logos*, na razão, que exige a capacidade de um indivíduo observar o mundo e observar-se a si próprio. Ela se desenvolve ao longo das etapas pelas quais passa a criança – a arcaica, a mágica, a mítica, até chegar à idade da razão. A partir daí, essa evolução continua no adolescente, no adulto, no idoso. Ken Wilber diz que, em cada estágio, aprendem-se diferentes aspectos da realidade. Ele escreveu *Uma Teoria de Tudo* (Wilber, 2000) e elaborou um compreensivo esquema que denominou AQAL (All quadrants, all levels), por abordar todos os quadrantes e todos os níveis da consciência. “À medida que se expande a capacidade de perceber o espectro total da consciência, ela evolui do nível da persona, para o do ego e para o do organismo total.” (Wilber, 1996).

Cada vez mais compreendemos que somos parte de um organismo vivo e entendemos que da saúde desse organismo depende nossa saúde e sobrevivência. A consciência ecológica inclui a percepção da unidade do indivíduo com o ambiente que o cerca e decorre de um modo de pensamento mais unitário e global. Ela corresponde a um processo de desalienação e de superação da ignorância.

Estamos afogados em informações, mas há uma escassez de sabedoria, observa o biólogo Edward O. Wilson, em seu livro *Consiliência*, palavra que significa unidade de conhecimento. Estuda a concordância ou convergência de ideias e conclusões com base em diferentes origens e campos que permitem chegar a uma mesma resposta através de diferentes caminhos (Wilson, 1998).

O antropoceno e a crise ecológica

O campo da consciência é um dos mais promissores para se atuar no contexto da crise ecológica, climática e da evolução pela qual passamos. Soluções e respostas para tais crises podem derivar da transformação na consciência humana – e não apenas de desenvolvimentos em sua parte relacionada com a ciência e a tecnologia. Estamos no estágio terminal da era cenozoica (a era dos mamíferos). O antropoceno é o estágio inicial dessa era em que a evolução passa a ser crescentemente influenciada pelo espírito humano.

Matéria (geodiversidade), vida (biodiversidade) e consciência (noodiversidade) integram um mesmo espectro. A evolução da matéria é lenta e se processa nos ritmos da história geológica; a evolução biológica é mais rápida; e a noológica (intuitiva) é veloz como um raio. A crise climática e o risco do colapso ecológico ajudam a despertar-nos para a era do conhecimento intuitivo, uma etapa da evolução que se baseia no desenvolvimento da consciência humana e não mais nos lentos processos da evolução biológica.

O momento de ruptura e mudança de eras que hoje vivemos se manifesta não apenas por meio das mudanças climáticas, mas também pela perda de biodiversidade; destruição de habitats naturais; redução das fontes de alimento; erosão e salinização dos solos, dependência dos combustíveis fósseis; esgotamento dos recursos hídricos; despejo de produtos químicos no ambiente (agrotóxicos, hormônios, componentes de plásticos, rejeitos de mineradoras, poluição do ar); aumento da população.

Trata-se de uma crise da evolução como as que ocorreram em outros momentos da história da Terra, nos quais várias espécies se extinguem para sempre.

Atualmente, desenvolvem-se inúmeras iniciativas para possibilitar nossa adaptação à crise ecológica e climática ou para reduzirmos os impactos negativos das ações humanas. Há esforços por parte de cientistas que procuram compreender o organismo da Terra, de pessoas que adotam a simplicidade voluntária e a austeridade feliz, de empresas que adotam a ecoeficiência e meios de produção limpos – reduzindo desperdícios de materiais e de energia ou inventando novo design de produtos e de processos –, de governos que adotam políticas econômicas ecológicas, de organizações da sociedade que lutam por outro mundo, de pensadores que vislumbram outras possibilidades para as sociedades e as civilizações. São bem-vindas todas essas ações realizadas por meio da aplicação das ciências naturais, das engenharias, da gestão de organizações públicas e privadas, da política econômica e dos mecanismos de mercado, porém são insuficientes diante da magnitude da crise atual. À medida que se percebe o caráter profundo da atual crise da evolução, que inclui a crise ambiental e climática, também se compreende que soluções tecnológicas, de gestão ou de engenharia, de incentivos ou penalizações econômicas, ainda que necessárias, são insuficientes para dar respostas adequadas a essa crise da evolução. A evolução da consciência é um caminho para uma adaptação criativa às mudanças da atual transição de eras. Ela é a grande força capaz de influir no rumo da evolução no planeta. Diante da magnitude da crise ecológica e climática atual, que constitui uma crise da evolução, é urgente ativar todos os níveis e mobilizar toda a energia psíquica humana para responder aos mega desafios com que nos defrontamos.

A crise climática e ecológica atual põe em risco a sobrevivência e o bem-estar da espécie humana. Diante da perspectiva de colapso planetário e da percepção dos limites da capacidade de suporte do planeta, a busca da segurança motiva uma construção coletiva de respostas. Líderes de grandes religiões, como o Dalai Lama ou o Papa Francisco, manifestam-se em relação à crise ambiental e climática ⁴. Líderes de grandes nações, tais como os Estados Unidos e a China, dois dos países que mais emitem gases de efeito estufa e com uma pesada pegada ecológica, propõem planos para descarbonizar a economia e reduzir os impactos climáticos que provocam. Propõem ações ao tomarem consciência dos problemas, dos riscos que corre a humanidade. Vozes dissonantes se levantam, contestam as propostas e planos. As difíceis negociações das con-

= Ver a Encíclica *Laudato Si*, divulgada pelo Papa Francisco em 2015 (http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html) e o plano americano de redução de emissões lançado nos Estados Unidos em agosto de 2015 (<http://www.abc.com.br/noticias/internacional/2015/08/governo-dos-estados-unidos-anuncia-plano-para-reduzir-emissao-de>)

ferências sobre mudança climática (Rio-92, Kyoto-97, Johannesburg em 2002, Bali em 2004, Copenhagen em 2009, Rio em 2012; Varsóvia em 2013; Paris em 2015) atestam as dificuldades de se construir visões unitárias consensuais ou unânimes sobre esses temas e também as dificuldades de pôr em prática projetos coletivos comuns.

Unidade na diversidade – a contribuição indiana.

Nesse contexto, vale aprender com civilizações milenares que souberam ser resilientes, suportar os impactos de invasões e acomodar povos e culturas diferentes. Em poucos anos, a Índia será o país mais populoso do mundo, com cerca de 18% da população mundial. É um país multicultural, que tem várias religiões – hindu, muçulmana, cristã, budista, jainista, entre outras.

A Índia é o país com maior diversidade linguística. Tem trinta diferentes troncos linguísticos e centenas de dialetos. Entre as línguas mais faladas do mundo estão o hindi, telugu, marathi, kannada, tamil, urdu, bengali. Muitos indianos são políglotas. Além disso, falam o inglês, incorporado como uma nova língua no país. (Figura 8)

A diferença não é apenas respeitada, mas também estimulada. Diversidade social, cultural, psicológica, além da biodiversidade, caracterizam essa sociedade. A Índia cultivou a convivência entre diversos de forma introspectiva: aprofundou-se na psicologia humana, criando tradições espirituais que priorizaram o autoconhecimento e um estilo de vida não agressivo em relação ao ambiente natural e social; desenvolveu tecnologia de vivência implosiva, de adensamento e aprofundamento interno, diferente das tecnologias de conquista do mundo exterior desenvolvidas em outras sociedades. O princípio da não violência é um dos pilares dessa civilização e determina o comportamento individual e coletivo. Até mesmo a luta pela independência, conduzida pelo Mahatma Gandhi, usou da gentileza da resistência passiva para fazer os invasores europeus saírem de seu território. A ahimsa, ou não violência, praticada na luta política por Gandhi, levou o país à independência. Praticada no dia a dia faz com que os índices de violência sejam muito mais baixos do que os da América Latina e da África. World Tables, do Banco Mundial, mostra que os índices de homicídios intencionais por 100.000 habitantes na Índia são seis vezes menores do que no Brasil (<http://data.worldbank.org/indicator/VC.IHR.PSRC.P5>).

A Índia criou um sistema de valores que facilitava a tolerância para com o diferente. No campo da hospitalidade e no exercício da convivência com o diferente, a cosmovisão indiana tem grandes contribuições para as demais civilizações. Ali se formou uma civilização que desenvolveu **tolerância a diferenças**, ao acomodar em seu território, durante milênios, imigrantes e descendentes de arianos e drávidas, maometanos e gregos, europeus de Portugal, da França, da Inglaterra. Disso resultou um país com grande diversidade de línguas, culturas, costumes. Talvez seja, no mundo, o povo mais diverso e a sociedade em que se experimentam mais explicitamente os extremos das grandezas e misérias da condição humana. A Índia absorveu, metabolizou influências das inúmeras invasões que sofreu ao longo de sua história e as devolveu transformadas ao mundo. Diferentemente dos países europeus, que colonizaram a África, Ásia e América, e ali predaram e parasitaram recursos com os quais se sustentaram, a Índia nunca foi expansionista. Pelo contrário, absorveu os imigrantes que chegavam.

A Índia exercitou, na prática, formas de acomodação que facilitam a convivência. Unidade na diversidade é o lema da nação indiana. Há unidade de princípios dentro da diversidade étnica e cultural. O poeta indiano e prêmio Nobel Rabindranath Tagore assim expressou essa condição do país: “A missão da Índia foi como a da anfitriã que tem que prover acomodações apropriadas para numerosos hóspedes, cujos hábitos e necessidades são diferentes uns dos outros. Isso causa complexidades infinitas, cuja solução depende não meramente de tato, mas de simpatia e de um verdadeiro entendimento da unidade do homem”. Tagore conclui: “Temos que reconhecer que a história da Índia não pertence a uma raça em particular, mas a um processo de criação para o qual várias raças do mundo contribuíram – os drávidas e os arianos, os antigos gregos, os persas, os maometanos do oeste e aqueles da Ásia central. E, por fim, foi a vez dos ingleses nessa história, trazendo-lhe o tributo de suas vidas; não temos o poder nem o direito de excluir esse povo da construção do destino da Índia.” (Tagore, 1976). Para abrigar hóspedes tão diversos em seu território, a civilização indiana desenvolveu o espírito de tolerância. A capacidade de ser um bom anfitrião e de bem receber migrantes está relacionada com um entendimento generoso da unidade do ser humano. Tem a ver com solidariedade, empatia, compaixão, valores, que vão além dos interesses econômicos e materiais imediatos. A receptividade para com aqueles que migram e pretendem se estabelecer de modo permanente está relacionada com a capacidade de

deixá-los à vontade, não hostilizá-los ou excluí-los. A habilidade de ser receptivo e de acolher imigrantes é valiosa num mundo com números crescentes de refugiados políticos, econômicos ou ambientais. A tecnologia de convivência e respeito a diferenças desenvolvida nessa civilização é essencial no mundo conflagrado por conflitos étnicos.

Mitos e metas unificadores

Dispor de um projeto, meta ou mito unificador é um requisito para orientar as energias humanas num rumo convergente. Em alguns casos, projetos que buscam a unificação interna – tais como as guerras – são essencialmente destrutivos e com interesse na dominação de outros povos. No sentido inverso, foram criados os projetos de unificação política, como a experiência da União Europeia, de mudar o relacionamento anteriormente baseado em guerras ou em conquistas de colônias, para um relacionamento menos opressivo. Essa experiência mostra avanços possíveis e as dificuldades para se construir a unidade considerando a diversidade de sociedades, culturas e línguas.

No passado, grandes projetos coletivos foram realizados. Em Portugal no século XVI, as navegações foram cuidadosamente planejadas pela Escola de Sagres. As grandes catedrais, as pirâmides do Egito e a grande muralha da China mobilizaram vultosos recursos econômicos, humanos, tecnológicos. Foi necessário, durante décadas ou séculos, pagar a subsistência de cada trabalhador, financiar, arrecadar e investir recursos para que elas fossem realizadas com sucesso. No século XX, a descida do homem na lua foi evento grandioso, que mobilizou esforço e inteligência coletiva, sob o comando da NASA.

Um projeto unificador pode ser a construção de uma unidade política planetária. Edgar Morin, em texto intitulado “O grande projeto”, observa que “A fecundidade histórica do Estado-Nação hoje se esgotou. Os Estados-Nação são por si mesmos monstros paranoides incontroláveis, ainda mais sob ameaças mútuas. Uma primeira superação dos Estados-Nação não pode ser obtida, senão por uma confederação que respeite as autonomias, suprimindo a onipotência.” “Mas nós ainda estamos na ‘idade do ferro planetário’: ainda que solidários, continuamos inimigos uns dos outros e a explosão dos ódios de raça, de religião, de ideologia, provoca sempre guerras, massacres, torturas, ódio e desprezo.” (Morin, 1988). Um grande projeto político

ainda por se realizar é a constituição de uma Federação Planetária que suceda a atual fase dos estados-nação e que avance em relação à Organização das Nações Unidas da mesma forma como essa avançou em relação à Liga das Nações. Caminhar em direção a uma federação planetária ecologizada é um campo promissor, pois leva a tomar a Terra como unidade política básica à qual devem estar submetidos os interesses nacionais e regionais específicos. A ação em cada uma de suas partes – nações, estados, sociedades, cidades, empresas, indivíduos – se insere em um objetivo comum maior: a saúde do Planeta, da qual depende a saúde dos sistemas vivos e a própria vida humana. Sri Aurobindo enfatizou a importância de se alcançar a unidade. No seu pensamento político e social, Sri Aurobindo postulou que os Estados-Nação não constituem a última etapa do desenvolvimento político humano e que a unidade econômica e administrativa do planeta seria necessária. Em *O ideal da unidade humana*, estudou os impérios e as nações, com sua formação e estágios de desenvolvimento; antecipou a unificação da Europa; abordou as possibilidades de um Império Mundial e as enormes dificuldades no caminho em direção à unidade internacional; tratou também dos princípios para uma confederação livre de nações e as condições necessárias para que ocorresse tal união mundial livre. A unidade humana que está no centro do pensamento de Sri Aurobindo estende-se aos domínios militar, econômico e administrativo. Ela respeita e valoriza a diversidade. A visão mundialista insere as propostas para a política numa visão cosmopolita da unidade humana, que vai além do patriotismo, dos interesses de clãs e tribos, étnicos ou nacionais. Ela expressa a necessidade de unidade política humana e de uma cosmovisão adequada para compreender os tempos em que vivemos (Aurobindo, 1970).

Promover a Consiliência, proposta por E. O Wilson é uma forma de resgatar a unidade. Duane Elgin propõe que se construam grandes narrativas inspiradoras capazes de comunicar com clareza o sentido e o rumo da evolução, de forma a produzir convergências de pensamentos e de ações (Elgin, 1993). Cosmovisões compartilhadas por milhões ou bilhões magnetizam e atraem a adesão e a motivação de muitos cérebros individuais num mesmo rumo e direção. Imaginar um projeto unificador, ter a determinação e mobilizar os recursos para colocá-lo em prática numa obra coletiva é um pré-requisito para lidar com a crise ecológica e climática planetária. Diante da perspectiva de colapso planetário e da percepção dos limites da capacidade de su-

porte do planeta, a busca da segurança motiva uma construção coletiva de respostas. Thomas Berry propõe uma grande obra coletiva de transitar dessa crise para uma era em que exercitemos nossa capacidade de sustentar o mundo natural para que o mundo natural possa nos sustentar, num processo de sustentabilidade recíproca. Ele observa que “Todos nós temos nosso trabalho particular. Temos uma variedade de ocupações. Mas além do trabalho que desempenhamos e da vida que levamos, temos uma Grande Obra na qual todos estamos envolvidos e ninguém está isento: é a obra de deixar uma era cenozoica terminal e ingressar na nova Era Ecozoica na história do Planeta Terra. Esta é a Grande Obra.” (Berry, 1999). Thomas Berry assim definiu a grande obra unificadora: “Nosso próprio papel especial, que vamos passar a nossos filhos, é o de gerenciar a árdua transição de uma era Cenozoica terminal para a Era Ecozoica emergente, na qual os humanos estarão presentes no planeta como membros participantes de uma comunidade Terrena compreensiva. Essa é a nossa Grande Obra e a Obra de nossos filhos.”

3. *Considerações Finais*

A tendência ao pensamento único, à hegemonia ideológica, à imposição de uma forma de ver o mundo, à intolerância e à impaciência com quem pensa diferente está presente em diversas situações e é evidente nas redes sociais. O fanático não tolera a existência do diferente, procura suprimi-la. A convivência com o diferente parece-lhe insuportável; ele rejeita o diferente, que o ameaça em suas convicções ou crenças. Os fundamentalismos intolerantes e preconceituosos pretendem unificar consciências, uniformizar verdades, limitar liberdades individuais. Procuram impor pela força e pelo terror sua visão e ideias do que consideram o bem e, com base nessa convicção tentam destruir aquilo que consideram o mal.

A consciência da existência de desafios e riscos de escala mega pode induzir a união. Encontrar denominadores comuns, pontos de contato que assegurem o mútuo entendimento é crucial nesse contexto de pressões ambientais e climáticas e nessa fase de mudança de era em que nos encontramos.

Como o ambiente é crescentemente influenciado pela ação humana, e esta, pelos modos de pensar e modelos mentais, coloca-se um duplo desafio: estimular a

noodiversidade, com a liberdade de pensamento e de expressão e, ao mesmo tempo, evitar que ela leve a uma babel de desentendimentos e incompreensões.

Para defender a liberdade de pensamento e de expressão e levar adiante a aventura da evolução humana nesse ambiente que se tornou pequeno, são virtudes e qualidades necessárias o entendimento, a compreensão, a fraternidade, a tolerância, a habilidade de acomodar e respeitar diferentes opiniões e atitudes. Atitudes de empatia e de compaixão para com o diferente são vitais. Uma visão ampla e generosa sobre a espécie e os papéis que ela desempenha na evolução podem inspirar uma educação integral que enfatize a unidade entre matéria, corpo, vida, mente e consciência.

Caminhar em direção a isso demanda exercitar o sentido de unidade juntamente com a cidadania planetária e respeito à diversidade, assim como a tolerância étnica, a disposição para uma cultura holística que focalize a paz, a abertura para os avanços científicos e tecnológicos. Aplicar o princípio da unidade na diversidade é essencial para banir a violência e a guerra.

Referências

- AUROBINDO, S. *A evolução futura do homem*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- AUROBINDO, S. *Social and political thought*. Sri Aurobindo Birth Centenary Library – SABCL. Pondicherry, India: Sri Aurobindo Ashram Trust, 1970b. v. 15.
- BERRY, T. *The Great Work – our way into the future*. New York: Bell Tower, 1999.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. 9. ed., São Paulo: Cultrix, 1993.
- DANSEREAU, Pierre apud VIEIRA, P.F, Ribeiro, M.A. *Ecologia humana, ética e educação – a mensagem de Pierre Dansereau*. Florianópolis: APDE/Palotti, 1999.
- ELGIN, D. *A dinâmica da evolução humana*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- FOX, W. Transpersonal Ecology: “Psychologising” ecophilosophy. *Journal of Transpersonal Psychology*, 22 (1) 59-96, 1990.
- GARREAU, J. *Radical Evolution*. New York: Broadway Books, 2005.
- GRAY, J. *Cachorros de Palha*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HARMAN, W. What are noetic sciences? *Noetic Sciences review*, n.47, p. 32. 1998.
- LOVELOCK, J. *A vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.
- LOVELOCK, J. e MARGULLIS, L. *Gaia – a new look at Life on Earth*. Oxford: Oxford University Press, 1982.

- MORIN, E. O grande projeto. *Anal. & Conj.*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, maio/ago.1988.
- RIBEIRO, D. *O processo civilizatório*. São Paulo: Cia das Letras, 1972.
- RIBEIRO, M. A. *Meio Ambiente & Evolução Humana*. São Paulo: Ed. Senac, 2013.
- RIBEIRO, M. A. *Tesouros da Índia para a civilização sustentável*. Belo Horizonte: Editora Rona, 2003.
- RUSSELL, P. *O buraco branco no tempo: nossa evolução futura e o significado do agora*. São Paulo: Aquariana, 1992.
- RUSSELL, P. *Acordando em Tempo – encontrando a paz interior em tempos de mudança acelerada*. São Paulo: WHH, Antakarana, 2006.
- SWIMME, B.; BERRY, T. *The universe story*. New York: Harper One, 1992.
- TAGORE, R. *Nationalism*. Delhi: Macmillan, 1976.
- TEILHARD DE CHARDIN, P. (1938-40). *O fenômeno humano*. 2. ed. São Paulo: Editora Herder, 1966.
- WEIL, P. *A nova ética*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1993.
- WILBER, K. *Espiritualidade integral*. São Paulo: Editora Aleph, 2007.
- WILBER, K. *O Projeto Atman*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- WILBER, K. *Uma teoria de tudo*. São Paulo: Cultrix-Amana Key, 2000.
- WILSON, E. O. *Consilience, the unity of knowledge*. New York: Alfred A. Knopf, 1998.